

Da unidade do espaço: algumas reflexões

1 — Coisa alguma, forma alguma, nenhum movimento, nenhuma vida seria se o espaço não existisse. E, assim parece, o espaço não existiria se coisa alguma, forma alguma, nenhum movimento e nenhuma forma fôsse.

Perguntando-nos o que é o espaço, percebemos logo como é difícil encontrar uma resposta que satisfaça. “O problema do surgimento e da evolução do mundo e da estrutura espacial e temporal do cosmo pertence, como tudo que se refere às regiões fronteiriças da ciência da natureza, às questões mais difíceis... Aqui se to-

cam pesquisa exata, especulação e reflexões filosóficas e religiosas” (1). Essa informação dada por um astrônomo contemporâneo demonstra bem claramente tanto a problemática (senão a impossibilidade) de uma definição precisa do espaço, como também assinala a imensidade da dimensão que se abriu em consequência à nossa pergunta inicial. Perguntar pelo espaço significa perguntar por um componente básico da nossa existência, sem poder determiná-lo, sem poder formular uma resposta segura baseada em argumentos e provas irrefutáveis. Per-

guntar pelo espaço significa perguntar pelo inapreensível.

II — O problema fundamental para uma “compreensão” do espaço parece situar-se na dificuldade de dever apreender como unidade o finito e o infinito, de precisar conceber relações mútuas e inteirantes entre o limitado e o ilimitado. “Em suma, nossos sentidos percebem as qualidades dos corpos e com elas o espaço... Kant separou o espaço do seu conteúdo; os empiristas buscam com êste conteúdo, isolado do espaço por nosso pensamento, chegaria a ocupar nêle seu lugar...” (2). Existe de fato essa separação das coisas e dos seres, de um lado, e do espaço, do outro, como Henri Bergson relata, apresentando dêste modo um aspecto típico da temática em redor da qual as reflexões sôbre o espaço circulam, geralmente? Há essa coexistência estranha de um vão imenso e de um determinado conteúdo colocado isoladamente nêle? Ainda que deixemos valer a polaridade (não dualidade) de um mundo finito e um meio infinito, em que o primeiro se realiza: não se trata muito mais de uma reciprocidade viva, de um condicionamento tão fundamentalmente mútuo e flexível que a contrariedade aparente dos pólos “finito” e “infinito” se revela como origem de uma tensão criada, crescendo a certeza de uma unidade dinâmica?

Quem quereria negar que a infinidade do universo começa aos seus pés, quando abre a porta da sua casa? Que os muros do quarto em que está na verdade não o iso-

lam da ininteligibilidade do espaço cósmico? Integrando cada quarto uma casa, cada casa uma rua, cada rua uma cidade, cada cidade um país, cada país um Continente, cada um dos nossos Continentes a terra, a terra nosso sistema solar, nosso sistema solar a via láctea, etc., etc., não somos assim, onde sempre fôr, participantes constitutivos do espaço total, pertencendo concretamente à sua incomensurabilidade?

III — O ser humano consegue existir sòmente em espaços proporcionais a êle. Necessita de regiões cuja medida êle próprio representa e nas quais lhe seja possível orientar-se. Deve poder tanto definir com certa segurança o lugar onde está, a direção e o percurso dos seus movimentos, como também relacionar-se com outras pessoas, com seres e objetos que estejam ou se movimentem no seu ambiente.

Essa urgência do ser humano de regiões espaciais proporcionais a êle possui não só um aspecto material, mas também um espiritual, em correspondência aos componentes fundamentais da existência do ser humano. Congruentemente, deveriam existir espaços adequados às exigências de natureza prático-existencial do homem, como também espaços adequados à dinâmica psíquico-transcendental da sua vida. Será que tais necessidades espaciais nossas, de naturezas tão distintas, encontrarão suas efetivações?

IV — “Fora da possibilidade de ser preenchido, o espaço não tem outra qualidade;... êle é um nada

vazio e morto" (3). Conforme essa opinião de um psicólogo, a única qualidade do espaço consta da sua possibilidade de ser preenchido; pergunta-se: preenchido com quê?

Com referência a uma qualificação exclusiva do espaço, ensina-se na física da atualidade que nêles se encontram "campos"; cada um dêstes campos será produzido por uma força, representando, por assim dizer, o âmbito do poder da força respectiva e o da sua influência sôbre aquilo que nêle penetra (tôda força constitui-se, propriamente, da produção de um campo). Em correspondência a isso, a psicologia constata que o espaço é preenchido por "sistemas de relação" (fala-se também de "campos", nessa conexão) definindo-se um sistema de relação com "a região do psíquico, em que a figura singular percebida se encontra e movimenta, em que ela tem seu lugar, sua direção e sua medida" (4). E, para acrescentar ainda um terceiro aspecto de um "preenchimento" do espaço, seja relatado o pensamento do filósofo contemporâneo Ludwig Marcuse, segundo o qual "o núcleo do ente de cada indivíduo cria, através da sua irradiação, seu espaço próprio" (5). Não é difícil verificar as concordâncias destas três percepções: tôdas dizem respeito a uma estruturação e figuração invisíveis do espaço. Reconhecere-se-á que os "sistemas de relação" (as regiões psíquicas de existência dos sêres) se assemelham muitíssimo com os "espaços próprios" (criados pelas irradiações dos entes individuais), podendo-se equi-

parar a êstes, em certo sentido, os "campos" de forças (os âmbitos de efetuação e influência das energias).

Partiu-se da urgência do ser humano de espaços proporcionais a êle. Em consequência das observações feitas, deve-se chegar à conclusão de que o espaço proporcional ao ser humano seria o da concretização do seu "sistema de relação": do "espaço próprio" do seu ente: do "campo" de suas forças unificadas. Porém, como traduzir a dinâmica móbil de estruturas invisíveis, em figuras visíveis idênticas? Tornar realidade palpável as constituições distintas de regiões mais pressentidas do que sabidas, originárias inteiramente das vivências interiores de sêres singulares?

V — Embora se reconheça o papel significativo exercido pela arquitetura em tôdas as culturas elevadas, o qual não será esgotado, de modo algum, com a consideração dos seus valores funcionais e de utilidade, a arquitetura é destinada, sobretudo, a produzir espaços cuja motivação direta são as múltiplas exigências prático-existenciais do homem. A arquitetura procura corresponder a tais exigências através da construção de espaços de tôdas as espécies e determinações: para dormir, para estar, para comer, trabalhar, rezar, divertir-se, etc.

Êstes espaços específicos, que vamos chamar de "espaços arquitetônicos", são vãos limitados cujas formas podem ser deduzidas em geral de figuras e corpos geométricos simples ou combinados

Nêles, a vida humana encontra seu lugar principal de realização. São "seus" espaços arquitetônicos que protegem o homem e o prendem, que possibilitam a sua existência e simultaneamente a restringem, formando pontos determinantes de orientação para os movimentos concretos da sua vida.

Segundo isso, pode-se dizer que a arquitetura consegue satisfazer, em princípio, à necessidade do ser humano de possuir espaços adequados às suas exigências práticas-existenciais. *Em princípio*: porque apesar de a padronização progressiva dos espaços arquitetônicos ir de encontro aos componentes orgânico-naturais da vida humana e às particularidades dos indivíduos que os devem habitar, sabe-se que o espaço protetor de existência da maior parte da humanidade é insuficiente. Corresponde ao potencial vital da mesma e às necessidades mais primárias respectivas, como a gaiola de um grilo a uma família de urubus; como o leito de um rio à água de um oceano. Porém, essas percepções ultrapassam o âmbito desse trabalho; são problemas políticos, sociais, problemas da evolução da consciência humana.

VI — Ainda em relação ao espaço proporcional ao ser humano (que seria a concretização espacial do seu "sistema de relação": do "espaço próprio" do seu ente: do "campo" das forças emitidas por ele) precisa-se constatar primeiro que a arquitetura não poderá criá-lo, embora seja capaz de traduzir e interpretar, por meio de construções materiais, o dinâmico

e invisível; capaz de concretizar simbolicamente movimentos espirituais através de figuras espaciais estáticas, de representar evoluções de forças por coordenações de elementos de construção, etc. Equivalência e identidade, porém, num sentido direto e pleno, não podem existir entre a mobilidade sutil das regiões psíquicas e os espaços arquitetônicos que definimos como vãos materialmente limitados. Não pode haver a correspondência adequada entre a estereotipia e monotonia dos dados espaciais de moradas convencionais e a interioridade das diversas pessoas que as habitam, pois interioridade significa um potencial de alteração espontânea e evolução. E ainda que os arquitetos atendam a exigências extremamente individuais, propondo-se, por exemplo, à inclusão de variabilidade, mobilidade e permeabilidade, nas suas construções, se deve dizer que, em suma, os espaços arquitetônicos jamais poderão ser proporcionais às dimensões que a interioridade e espiritualidade dos seres humanos constituem, dinamicamente.

VII — Todo indivíduo necessita colocar no espaço que habita ou usa quaisquer objetos como móveis, fontes de luz, etc. Distribuindo esses objetos no vão, cada pessoa realiza uma orientação determinada, guiada principal e inconscientemente por seu sistema psíquico de relação, cuja presença e força penetram com evidência considerações de toda natureza, até pragmática. Através dos seus equipamentos,

os espaços adquirem certas feições mais ou menos harmoniosas, mais ou menos definidas, mais ou menos originais, sempre de conformidade com o grau de autenticidade, estabilidade ou unidade dos respectivos sistemas de relação. (Pessoas que seguem estritamente, a moda e a convenção, no que se refere ao equipamento dos seus espaços particulares, ou que entregam essa tarefa a arquitetos-decoradores, demonstram dessa maneira, geralmente, a fragilidade, pobreza ou estagnação dos seus sistemas psíquicos). Terminado, porém, de qualquer maneira, o ato de equipar o vão, o resultado tornar-se-ia morto, se a vida humana não ocupasse êsse espaço, nêle efetivando a sua dinâmica.

Acontece algo de bem significativo: o espaço arquitetônico com a sua forma estática, contendo os campos das forças psíquico-espirituais dos seus habitantes, transforma-se. Concebe algo como uma dinâmica própria específica, uma vivência silenciosa e característica, que se revelam tanto pela existência de uma "atmosfera" como também em certos detalhes e sinais. Diariamente podemos observar que quartos habitados, talvez arquitetonicamente significantes, são capazes de comunicar algo de particular e significativo que falta em espaços não-habitados ou raramente usados, ainda que talvez representem soluções funcionais e estéticas interessantes. Por exemplo: a sala conservada de um artista ou filósofo falecido há decênios pode possuir e

irradiar ainda hoje um fluido vivo e incontestável, enquanto que um templo antigo destruído, reconstituído recentemente nas proporções originais, segundo plantas autênticas, dificilmente transmitirá mais do que uma certa beleza objetiva, se passar do valor de uma fonte de informação.)

Como a pedra para o escultor, o movimento para o coreógrafo, a côr para o pintor significam material, assim os espaços concretos limitados representam material para os espaços psíquico-espirituais. Êstes, em contínuos atos criadores, unem-se com os primeiros, determinando-os, transformando-os, sublimando-os.

VIII — Falou-se inicialmente da "polaridade (não dualidade) de um mundo finito e um meio infinito em que o primeiro se realiza" (Vide Parte II). Percebemos agora a existência da relação inversa: no meio finito do espaço concreto limitado, a psiquê e o espírito do ser humano, que queremos denominar como potencialmente infinitos, realizam-se dinamicamente. E compreendemos espontaneamente a unidade e verdade das duas relações: do mesmo modo que os espaços concretos limitados significam o lugar em que a dinâmica dos espaços próprios dos entes individuais se efetiva, representam as dimensões ilimitáveis dos últimos, o meio para a realização dos primeiros; tanto no que se refere à forma atual de existência dêstes, quanto à sua origem. (O espaço arquitetônico, por exemplo, não será somente, como constatamos na Parte VII, di-

namizado e transformado por habitação e uso, mas também, primeira e evidentemente, criado pelo homem, representando o poder criador dêste um potencial de natureza psíquico-espiritual.) Colocando-se a terra em lugar do espaço concreto limitado, e, em lugar do espaço próprio do ente, o espaço mundial, perceberemos correspondências análogas: a incomensurabilidade do espaço mundial forma o meio em que a finidade da terra se realiza, como também, igual e simultaneamente, a terra significa um material em que a dinâmica evolutiva do cosmo se efetiva.

"... A contrariedade aparente dos pólos "finito" e "infinito"

se revela como origem de uma tensão criadora, crescendo a certeza de uma unidade dinâmica". Esse pensamento expresso na Parte II encontra-se em concordância com as palavras de um sábio e filósofo do Século VII a. C.

Laotse disse (6): Chamo o princípio de céu e terra "estar". Chamo o "não-estar", a mãe dos seres singulares. Por isso, a direção para o não-estar conduz à visão do ser único, a direção para o estar à visão das limitações espaciais. Ambos são um, segundo a origem, e apenas diferentes pelo nome. Na sua unidade, se chamam o "segredo".

ROLF GELEWKI

1 Stumpff, Karl. "Astronomie". In: *Das Fischer Lexikon*. Frankfurt am Main, Fischer Bucherei kg., 1961. v. 4, p. 155.

2 Bergson, Henri. "Ensaio sobre los Datos Inmediatos de la Conciencia". In: *El Tiempo y el Espacio*. Selección de Antonio G. Birlan. Buenos Aires, Americalee, 1956. p. 120.

3 Schmidt, Heinrich e Schischkoff, Georg. *Philosophisches Woerterbuch*. Stuttgart, Alfred Kroener Verlag, 1981. p. 475.

4 *Ibid.*, p. 59.

5 *Ibid.*, p. 52.

6 Laotse. *Taoteking, oder das Buch des Alten von Sinn und Leben*. Richard Wühelm, trad. Duesseldorf-Köln, Eugen Diederichs Verlag, 1957. p. 41.